

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE BEST SELLERS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Lucrécia Dias de Araújo Nunes; Andressa Cristiny Chaves Lima; Kelly Aparecida Almeida
Gouveia, Isabelly Cristiany Chaves Lima (orientadora).

Universidade Estadual da Paraíba, andressa.letrasportugues@gmail.com,
isabelly.uepb@gmail.com,

Resumo: O trabalho com a literatura no Ensino Fundamental II é reflexo do espaço que ela ocupa nos documentos oficiais (tímido e periférico). Nesses documentos, assim como nos Livros Didáticos, a literatura é abordada como suporte para o ensino do código da língua. E a leitura é apresentada e trabalhada através de fragmentos, resumos, muitas vezes não recomendando a leitura completa de obras. Com isso, a literatura acaba perdendo todo seu valor cultural. Diante dessa dificuldade enfrentada, referente à leitura e também à compreensão, o papel do professor torna-se relevante, com o incentivo de obras próximas ao universo dos alunos, a fim de estimular e ampliar a leitura. Para isso, os Best Sellers, que por muitas vezes não são trabalhados em sala de aula porque alguns professores têm certo “preconceito” com esse tipo de obra, podem torna-se um aliado interessante para o ingresso dos alunos no mundo da leitura. Assim, os alunos podem também e, conseqüentemente, se interessar, ler e compreender as obras do cânone literário. Paratanto, é recomendado que o ensino de literatura seja trabalhado dentro de uma sequência didática para uma melhor efetivação. Cosson (2006) apresenta uma sequência que será dividida em quatro momentos, o primeiro momento é trabalhado com uma motivação, ou seja, um elemento motivador, no qual o professor prepara e traz para a sala algo dinâmico que esteja relacionado com o tema da obra, o segundo é a introdução que será apresentada a respeito da obra e o autor escolhido pelos os discentes e/ou pelo docente, o terceiro momento é a leitura individual do aluno, e, por fim, o quarto passo será a interpretação do aluno, que deverá ser socializada através de discussões sobre as obras lidas, fazendo com o que o ensino de literatura tenha como base a interação entre professor/aluno, dos alunos entre si e do leitor com a obra.

Palavras-chave: Ensino fundamental II. Letramento Literário. Leitura.

INTRODUÇÃO

O espaço que a literatura ocupa na escola, a partir do Livro Didático, é parte do reflexo da abordagem que os documentos oficiais, especialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN imprimem à literatura. Os PCN sugerem uma abordagem dialógica, apresentanda em uma perspectiva maior, que seria a linguagem.

Ao ler este texto, muitos educadores poderão perguntar onde está a literatura, a gramática, a produção do texto escrito, as normas. Os conteúdos tradicionais foram incorporados por uma perspectiva maior, que é a linguagem, entendida como espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. (PCN, 2002, p.144)

Todavia, a união da literatura com a abordagem da língua, especificamente a gramática, não resulta no ensino da linguagem. A linguagem como dialógica, intercâmbio social e cultural. A literatura é apresentada nos livros didáticos, predominantemente, por meio de fragmentos, pelos quais são ensinadas as regras gramaticais.

Com isso, a iniciação da literatura na vida escolar do aluno é feita através desses fragmentos, fazendo com que a mesma perca todo seu valor estético, contextual e intelectual. Sendo assim, a literatura fica em segundo plano, especialmente no Ensino Fundamental como um todo (I e II).

Entretanto, é importante salientar que essas séries são de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e cultural do aluno. A literatura, nesse sentido, pode ser um ótimo aliado, se o professor conseguir apresentar leituras, estimulá-las e assim os discentes poderão estar desenvolvendo seu conhecimento de mundo, de modo lúdico, performático e prazeroso.

O TRABALHO COM OBRAS LITERÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

O trabalho com a obra literária, deixando de lado os fragmentos dos Livros Didáticos, é algo extremamente raro de acontecer. Porém, quando acontece, há uma dificuldade muito grande por parte do aluno, pois nos componentes curriculares há uma predominância da abordagem de obras clássicas, que se afastam historicamente e culturalmente da realidade dos alunos.

Como o Brasil apresenta um capital cultural ainda muito restrito, muitos alunos têm contato a primeira vez com a leitura em sala de aula. Assim, o fato de não serem leitores ativos, muitos podem se sentirem intimidados diante de uma obra erudita.

Dessa forma, é necessário que haja incentivo, por parte do professor, através de obras referentes ao universo dos alunos, como os Best Sellers, para a partir deles ampliar os conhecimentos dos alunos e torná-los leitores ativos das obras literárias que interessem aos alunos, pois os alunos devem ser apresentados a todas as possibilidades disponíveis.

Observando as escolhas dos jovens fora do ambiente escolar, podemos constatar uma desordem própria de construção do repertório de leitura dos adolescentes.

Estudos recentes apontam as práticas de leitura dos jovens fundadas numa recusa dos cânones da literatura, tornando-se experiências livres de sistemas de valores ou de controles externos. Essas leituras, por se darem de forma desordenada e quase aleatória (PETRUCCI, 1999, p. 222), podem ser chamadas de escolhas anárquicas (OCEM, 2006, p. 61)

As escolhas feitas pelos alunos, como diz PETRUCCI (1999), não é aleatória. O Aluno escolhe determinada obra de acordo com aspectos presentes nela, ou seja, automaticamente o jovem vai à procura de um livro com um título sugestivo, um enredo interessante e o gênero que mais lhe atrai.

Assim, cabe ao professor mediar às experiências de leitura, não reprimi-los, mas sim incentivar e valorizar a leitura, dando ao aluno liberdade para escolher suas leituras, porém, não deixando de apresentar, como foi dito, as obras essenciais para a formação do aluno.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006), é necessário que haja um letramento literário na escola, e esse letramento deve ser iniciado no Ensino Fundamental, uma vez que, no Ensino Médio, os discentes deverão ter certo conhecimento consolidado a fim de compreender a literatura, a historiografia literária e os cânones da literatura brasileira, visto que, geralmente, o professor segue as indicações do Livro Didático, que deixa muito a desejar para a efetivação do letramento literário.

Assim, os professores de língua portuguesa subentendem que a maioria dos alunos/jovens do Ensino Médio já são leitores e têm conhecimentos de obras literárias, pois a estrutura curricular indica isso. Porém, não se pode perder de vista a realidade brasileira de leitura escassa, fazendo com que os alunos não tenham um letramento literário nem em casa, nem na escola.

Os docentes que se limitam ao que o Livro didático oferece, tornaram o ensino de literatura “difícil” e “chato”, além de não formarem alunos leitores, críticos e ativos. Para Cosson (2009), o letramento literário é a socialização da literatura, ou seja, tratar o livro não como um objetivo de leitura, mas sim, um objeto humanizador do leitor, tendo em vista que aluno tome posse daquilo que tem direito.

Vale salientar que o incentivo à leitura começa a partir de toda e qualquer obra literária por parte do professor. O OCEM recomenda:

Trabalhando com obras cujas situações representadas e a linguagem esteja mais próxima das experiências dos jovens leitores. Há que se considerar que a absoluta maioria dos jovens está iniciando o primeiro ano do ensino médio com quatorze ou quinze anos de idade (OCEM, 2006, p. 72)

O PRECONHEITO EM TORNO DOS BEST SELLERS

A polêmica que gira em torno da leitura dos chamados best sellers, serem ou não literatura, não fica longe da escola, pois, apesar de sua importância na formação do leitor (iniciação e possivelmente prosseguimento), alguns professores não admitem esse tipo de leitura em sala de aula, pois jugam ser de baixa qualidade, e que não contribuirá para a formação humanista do aluno.

Porém, é necessário problematizar. Quem determina o que é cânone? Quem determina o gosto literário? Sabe-se que tem convenção social, como também tem o gosto determinado pelo consumismo, capitalismo e elitismo. Por isso, alguns estudiosos, como Marcia Abreu (2004), problematiza essa questão, ressaltando que tudo é literatura, porém, não se pode negar que há escritas sem profundidade literária.

Fazer esse tipo de cruzamento, avaliando uma obra com critérios produzidos para outro tipo de composição, parece uma ideia bizarra que empregamos valores exteriores a cultura erudita para avaliar obras consagradas. Mas é isso que se faz toda vez que se empregam juízos de valor eruditos para avaliar obras de outra natureza. (ABREU, 2004, p.110)

Portanto, não seria adequado utilizar algumas obras como modelos de perfeição para que outras obras as sigam, ou melhor, cada obra tem suas particularidades, e não seria justo que ela ficasse estigmatizada como uma obra sem valor literário, pelo simples fato de não se adequar ao padrão de “perfeição” dos cânones, que é pré-estabelecido e convencionalmente acordado.

Dessa forma, não é justo que professor use desse preconceito literário para não utilizar best sellers em sala de aula. A princípio, o fundamental é formar leitores independente de quais obras sejam, isto é, boas para alguns e ruins para outros.

Segundo Abreu (2004), “não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas, e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto, é uma questão política”. (p.112), ou seja, na verdade não se pode estigmatizar obras e autores de acordo com um julgamento elitista. Para a elite do cânone literário, uma obra como Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, por exemplo, é sim uma obra de altíssimo valor literário.

Porém para outros leitores, como, por exemplo, estudantes de escolas públicas de 15 a 18 anos, não será avaliada da mesma forma, sendo dita como de difícil linguagem, entediante, cansativa e complexa.

Segundo Eco (1989), existe dois tipos de leitores, o primeiro é a vítima, o qual se deixa influenciar pelas intenções do texto e o segundo é o leitor crítico, que consegue perceber essas intenções e refletir sobre elas. Porém, isso não quer dizer que um leitor não pode apresentar ambas as características, em momentos diversos.

Porém, devem-se incentivar leitores críticos, que leem livros criticamente, que façam reflexão, como diz OCEM (2006) “Mesmo sendo leitor crítico e conhecendo as artimanhas da arte de narrar, não quer dizer que se desfrute apenas da ‘alta literatura’ – em inúmeras situações cotidianas e psíquicas recorremos a níveis diversos de fruição” (p.69).

Assim, não se deve utilizar os best sellers como o único tipo de livro a ser trabalhado. O ideal seria levar literatura de vários estilos, de vários gostos e principalmente partindo dos que estão presentes no cotidiano dos discentes, a fim de que possa desenvolver seus conhecimentos sobre temas relativos às obras.

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM LITERATURA NA SALA DE AULA

Além do incentivo à leitura através das indicações de obras e discussões sobre as mesmas em sala de aula, é devido que haja um meio que possa mediar a aula de literatura, ou seja, uma sequência didática que efetive o interesse do aluno sobre a literatura em si. Cosson (2006) apresenta uma sequência didática que se divide em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Em cada uma delas, podemos incluir aspectos que foram discutidos anteriormente.

A princípio Cosson (2006) fala sobre a motivação, a qual o professor indaga o aluno a refletir e discutir sobre o assunto que a obra aborda. Essa motivação fica a critério do professor, ou seja, pode ser representada de várias formas, como uma apresentação de uma história ou suposições feitas pelos alunos a partir de uma imagem trazida pelo professor, porém Cosson (2006, p. 56) destaca que “naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura” .

No entanto, não é necessário que o assunto abordado através da motivação seja o tema principal da obra. É necessário que haja uma sintonia para que o aluno faça uma associação durante a leitura.

A introdução feita pelo professor, nada mais é que falar sobre a obra e sobre o autor, no entanto Cosson (2006) deixa claro que o professor deve ter cuidado para que uma simples

introdução não vire uma aula sobre a vida do autor, ou sobre o que acontece na obra. É necessário que a partir da apresentação da obra física, o professor deixe pistas sobre a história para estimular o aluno a querer saber o que acontece.

A respeito da leitura, Cosson (2006) diz que o professor deve analisar os tipos de obras e a disponibilidade dos alunos, ou seja, obras de grande porte deverão ser lidas nas casas dos alunos ou em espaços propícios para isso, como uma sala de leitura. A estipulação de uma data para a conclusão da leitura é essencial, durante esse meio tempo, o professor deverá propiciar discussões para que os alunos comentem o que observaram até a parte que já leram, e suas expectativas para o decorrer da obra.

Cosson (2006) diz ainda que a interpretação da obra literária é algo absolutamente individual, entretanto, não deve ser influenciada, ou até mesmo, substituída por outras interpretações que “facilitam o processo”, como a leitura de resumos na internet ou assistir filmes baseados em livros. Para a concretização da interpretação é preciso que haja uma socialização da sua leitura, segundo Cosson (2006):

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (Cosson, 2006. p.66)

Essa socialização, não necessariamente, deve ser feita só através das discussões das obras, Cosson (2006) ressalta alguns meios de socialização, como escrever resenhas para o jornal da escola, montar peças teatrais para que os alunos possam encenar a história lida e produção de pinturas para expor em toda a escola. Enfim, há inúmeras formas de compartilhar as interpretações feitas pelos alunos, deixando de lado a forma de avaliação tradicional, na qual o aluno ler e escreve o que interpretou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o “preconceito” é real, faz parte do imaginário de determinados professores, alunos e leitores. Porém, como Abreu (2004) problematizou, não há obras boas ou ruins em definitivo. O que há são escolhas, e o poder daqueles que as fazem. Ou seja, diante disso, observamos que não existem obras ideais, mas sim, existem gostos, distinções elitistas.

Portanto, é necessário que haja uma compreensão e um incentivo maior por parte dos professores relacionado às obras que os alunos irão escolher. Não se pode deixar escapar que o papel fundamental será a aproximação dos livros, sejam Best Sellers ou cânanos.

Quando muitas vezes os alunos deixam a leitura em segundo plano por acharem cansativa e chata, os alunos perdem a oportunidade de conhecer o mundo por intermédio da obra literária. Sendo assim, é essencial o entrosamento entre professor e aluno, aluno com aluno, leitor com a obra e interpretações com interpretações.

Portanto, o ensino de literatura efetivamente não fica só como responsabilidade do professor, apesar de ter um papel proeminente, mas sim, do conjunto da obra, ou seja, a união de todos os protagonistas do espaço educacional irá torna a aula muito mais produtiva.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura/Márcia Abreu. – São Paulo: Editora UNESP, 2006
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática – São Paulo: Contexto, 2006.
- ECO, U. O texto, o prazer, o consumo. In _____. Sobre os espelhos e outros ensaios. [Trad.] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). Vol. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério/Secretaria de Educação Média e suas Tecnológica, 2006b.
- PARAÍBA. Secretária do Estado da Educação e Cultura. Coordenação do Ensino Médio. Referenciais Curriculares do Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral). João Pessoa: [s.n], 2006
- PETRUCCI, A. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CHARTIER, R; CAVALLO, G. (Org.) História da leitura no mundo ocidental II. São Paulo: ática, 1999.
- TODOROV. Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. 3º. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.